

sobre tudo

SOBRE UTOPIA E HORIZONTES

Maria Clara Prates Machado³⁹

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.

Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia?

Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano.

Foi com esta frase que deixamos nossa "marca" em uma parede da Escuela Superior de Comercio Manuel Belgrano (ESCMB) que fica localizada na capital de Córdoba, um dos estados de nosso país vizinho, Argentina. Mas em 2016 eu e mais dez brasileiros que, depois de um longo processo abraçamos nossa grande sede por aventuras e novos conhecimentos e decidimos dar um novo significado à essa parede que até então era considerada "só mais uma parede" que constituía o tal colégio. Mas para chegarmos até essa parede, muitas coisas

³⁹ Estudante do Colégio de Aplicação e intercambista do Projeto Córdoba em 2016. Contato: pratesrochamariaclara@gmail.com

aconteceram e acredito que que não tenha como relatar toda essa experiência sem explicar onde meu encanto por esse projeto começou.

Ainda me lembro da época em que nem tinha entrado no Colégio de Aplicação (CA), nas vezes em que acompanhava minha mãe ao ir buscar meu irmão mais velho que lá estudava. Naquele período, sendo bem sincera, a escola era um lugar totalmente desconhecido e de outro mundo. Mas ainda tenho recordações do meu irmão comentando sobre algumas coisas, mas é claro, lembro especialmente em relação ao Projeto Córdoba. Era algo totalmente distante da minha rotina, mas de alguma forma o sentimento que esse projeto de intercâmbio tinha sobre mim sempre foi muito bom. Então em 2007, quando fui sorteada e ingressei no CA, portas daquele mundo desconhecido se abriram. Além de começar a me familiarizar com números, letras e novos símbolos, o intercâmbio também começou a se tornar algo mais próximo, principalmente quando em certo período de cada ano via rostos novos pelos corredores.

Mas quando finalmente cheguei ao Ensino Médio, em 2015, tudo ligado à Córdoba se tornou mais real e possível. Foi a primeira vez que tive contato com alguém do grupo de intercambistas. Durante dois meses recebemos em nossa sala uma cordobense. A partir daí estava mais determinada que nunca a participar do Projeto Córdoba de 2016. Lembro-me de estar tão determinada e ao mesmo tempo ansiosa que no ano anterior ao intercâmbio me flagrava pensando em diversos temas para o projeto de pesquisa.

Então enfim 2016 começou. No mesmo dia em soube que as inscrições estavam abertas adicionei meu nome naquela lista em que muitos conhecidos já tinham inserido os seus. Foi na

primeira reunião que realmente percebi quantas pessoas naquela escola compartilhavam um mesmo sonho. A princípio eram mais de quarenta nomes para no final onze entrarem em um ônibus e viajar durante aproximadamente trinta horas até o destino tão esperado.

Todos os momentos que se seguiram naqueles meses de seleção foram acompanhados por uma montanha russa de emoções. Sentia uma certa tristeza ao ver algum colega desistindo, ansiedade por prazos de entrega de resenhas ou versões do projeto escrito e até medo por não conseguir chegar até o final. Mas quando conversava com o restante os outros futuros intercambistas ou participava das aulas de espanhol, reuniões, "palestras" e outros encontros, onde sempre aprendia um pouco mais sobre algum tema, só conseguia sentir alegria e tranquilidade. Ainda lembro-me do grande nervosismo no dia em que iria encontrar o meu professor de história dos três anos anteriores e lhe perguntar se aceitaria ser meu orientador do projeto. Depois de uma longa conversa escutei o "sim". Uma imensa felicidade tomou o lugar daquele nervosismo e ao sair da sala caminhei durante um bom tempo com um grande sorriso estampado no rosto.

Foram longos meses, mas depois da entrega do projeto final a única coisa que conseguia pensar era no resultado final de quem iria estar no grupo de intercambistas daquele ano e se estaria entre esses nomes. Era para ser mais um daqueles dias que chegava atrasada na escola, mas tudo mudou quando passei na frente do mural do Projeto Córdoba e vi um papel que até o dia anterior ele não estava lá. "Maria Clara Prates Rocha". Confesso que estava com muito sono, então fiquei um tempinho encarando aquela folha até ter certeza absoluta do que estava

lendo. Quando tive certeza, uma felicidade acompanhada de um sorriso afastou o sono. Além de mim, outras nove pessoas do segundo ano (sendo que quatro eram da minha turma) e uma do terceiro ano conseguiram. Quando todos já estavam sabendo do resultado, na primeira oportunidade que tivemos, nos reunimos na frente do mural. Quando vi todas aqueles sorrisos seguidos de abraços, tive mais certeza ainda de que tudo era real, que juntos aprendemos/ aprenderíamos um pouco mais sobre toda essa bela confusão que conhecemos como "mundo" e realizaríamos um sonho.

Foi tudo muito rápido durante aquele um pouco mais de um mês até a viagem. Mas é claro que foi tempo suficiente para a montanha russa das emoções ficar mais intensa. Em meio a conseguir fazer todas as coisas necessárias (entre elas fazer uma campanha para arrecadar o dinheiro suficiente para todos os gastos, já que só a minha família não iria conseguir arcar com eles), conversar com a família que me acolheria durante os dois meses, a ansiedade se uniu com a insegurança e fizeram com que eu quase desistisse de tudo. Foi no domingo anterior à chegada das cordobesas. Toda aquela confusão da minha cabeça estava tão sufocante que depois de muito choro minha mãe levou-me até as dunas que ficam próximas de casa. Naquele breve momento longe de toda a loucura urbana, decidi gritar para liberar um pouco aquela agonia. No final, consegui me acalmar um pouco, principalmente quando fui acolhida pelo abraço de minha mãe.

No dia seguinte, onze compañeras argentinas dessa grande aventura chegaram na ilha. Por viver em uma mini casinha, não teria condições de receber mi hermanita. Confesso que isso me deixava um pouco triste, mas quando a vi entrando

na rodoviária, aquele turbilhão de sentimentos sufocantes foram se indo mais um pouco. Agora, se o mês anterior já tinha voado, imagina essa semana que antecedia a viagem!

Depois que fui nas dunas, toda aquela confusão em minha cabeça aos poucos estava sumindo e a determinação do começo do ano estava voltando. Mas, sem dúvida alguma, estava nervosa quando finalmente o dia chegou. Foram lindos os últimos momentos antes do embarque. Onde todos os familiares, intercambistas, amigos e todos os outros envolvidos na realização daquele sonho. Após muitas despedidas e de receber duas cartinhas com diversas recomendações de *mi hermanita* e de uma amiga, entrei no ônibus e todos já estavam lá.

Foram horas e mais horas compostas por momentos únicos e paisagens que nos deixavam de boca aberta. Largos minutos acompanhados com muitas risadas, nervosismo e choques de culturas. Já tínhamos sido avisados sobre isso, mas foi muito interessante atravessar a fronteira e de repente precisar pagar por um pedaço de papel higiênico ao ir em um banheiro público. Ou de uma hora para outra você precisar enfrentar a vergonha e começar a dialogar em castelhano.

Depois das cansativas e também maravilhosas trinta horas de viagem, estávamos em Córdoba. Um lado meu ainda não acreditava, mas aquilo realmente estava acontecendo. O ônibus estava passando pelas ruas daquela cidade que anos antes era algo totalmente distante de minha realidade. Como acabamos chegando uma hora antes do estava previsto, ao descer na rodoviária não havia nenhuma família. Então aproveitamos e fomos ao banheiro. Ao voltar vi que duas pessoas tinham chego e não demorei muito para perceber que era *mi papi* e *mi hermana*

mais velha. Quando os abracei, qualquer indício de nervosismo e insegurança que ainda restava, se foi.

No caminho até em casa, *papi* e *mi hermana* foram mostrando e falando brevemente sobre alguns lugares, inclusive a escola que ia começar a frequentar, o famoso Belgrano. Quando chegamos em casa, mesmo já passando da meia noite, junto a uma janta *muy rica*, *mami*, minha outra *hermanita*, que é um pouco mais nova que eu e Nina, a cachorrinha, estavam lá. Apesar de naquele dia ainda estava meio travada no castelhano, conversamos e nos conhecemos melhor (claro, naquele momento e outros tantos durante os dois meses, *mi hermana* mais velha que também estudava na ESCMB e que no ano anterior tinha feito um intercâmbio à Belo horizonte sempre me salvava quando não sabia como falar alguma frase ou palavra).

Todos os ocorridos ao longo de todo o intercâmbio foi muito importante e marcante, mas naquele primeiro dia vivi diversos momentos especiais. Começando por um *desayuno* com muitas coisinhas deliciosas, como por exemplo, mini alfajores. Enquanto comia, *mi hermana mayor* apresentou alguns nomes de cantores e grupos argentinos dos maiores gêneros musicais do país. Claro, conversamos sobre outras coisas, mas pra mim aquela manhã foi marcada pela canção “La argentinidad al palo” do grupo Bersuit Vergarabat. Aparentemente ela é como um hino, pois em sua letra podemos ver diversos ocorridos marcantes da história dos argentinos e algumas curiosidades lindo país.

Pela tarde, fomos ao colégio para a recepção dos brasileiros. Nunca tinha estado em uma escola com tantos estudantes. Por todos os lados era possível ver cartazes com a bandeira brasileira ou algum de nossos nomes. Foi tudo muito lindo. Então, quando a cerimônia terminou, alguns colegas da

turma que iria frequentar levou-me até uma das salas de aula, onde uma professora e o restante da turma estavam a minha espera com um grande banquete. Após muita conversa e comilança, voltei para casa com um pote de doce de leite como um *regalito*.

Naquela mesma semana, realizamos um passeio turístico com coordenadores do projeto e com estudantes que nos anos anteriores participaram do intercâmbio, tanto para Floripa quanto Belo Horizonte, que ainda frequentavam a escola. Foi nesse dia que comecei a perceber algo... De certa forma, não importa a duração de um intercâmbio, pois ele nunca irá terminar efetivamente. Mesmo depois de voltar a cidade natal, ele estará acontecendo em nossa memória, conversas sobre tal vicência e é claro, em uma pequena jornada com intercambistas dos outros anos.

Sempre que lembro daqueles dois meses, milhares de imagens vêm à minha cabeça: as comidas deliciosas que *mi papi* criava pelo fato de eu ser vegetariana; A vez em que me perdi no próprio bairro onde morava; Ou da madrugada em que saí com mi hermana e seus amigos e não parei de dançar um minuto; De cada pôr do sol apreciado em algum dos parques ou até mesmo de casa; Das vezes em que nós, os brasileiros, nos reuníamos depois da escola e comprávamos trinta ou mais *criollos* e *medialunas* ou íamos até alguma sorveteria e experimentávamos um sabor melhor que o outro; Quando conhecia um pouco mais sobre os estudantes ao entrevistá-los ou ao responderem o questionário que realizei para a coleta de dados do projeto de pesquisa; Dos passeios entre amigos ou em família, onde conheci alguns cantinhos da capital e outros lugares do estado, por exemplo, Cosquín que para chegar até lá subi em um trem pela

primeira vez e conheci paisagens incríveis que se escondem entre as montanhas; Do ato de comemoração da “independência do Brasil”, onde levantamos cartazes com o famoso “Fora Temer!” junto com outros estudantes que estavam por lá para manifestarmos nossa indignação com tudo que estava acontecendo no Brasil durante aquele ano, principalmente naqueles meses; E é claro, um dos momentos mais emocionantes que já presenciei: El juicio de la Perla. Eram muitas pessoas caminhando em uma só direção com fotos de muitas das vítimas da ditadura, faixas e cartazes para comemorar as sentenças (principalmente nas 28 vezes que escutamos “*perpetua*”) dadas a cada um daqueles que durante este período violaram os direitos humanos.

Certamente esse intercâmbio tem um objetivo principal além de conhecer um novo lugar, cultura e os que vivem por lá. Entre esses momentos de lazer e descoberta da cidade, tínhamos que ir em busca de dados e respostas para os “?” relacionados a cada um dos temas que escolhemos para nossos projetos. Ao embarcar naquele ônibus, não estava levando somente uma mala e mochila, também carregava diversos questionamentos sobre a identidade latino-americana e, sendo um pouco mais específica, buscar compreender o ponto de vista dos jovens argentinos (a princípio) sobre esses temas que possuem suma importância em suas vidas, em como vivem ela, como se relacionam com a sociedade e é claro, por eles fazerem parte dessa identidade. Já no primeiro encontro com minha orientadora de lá precisei fazer uma pequena mudança em relação ao em minha pesquisa. Uma pequena modificação que colaborou em tudo que se seguiu em relação às buscas de dados. Ela explicou que “argentinos” era um público muito grande e que dentro deste existiam muitas

particularidades entre eles. Assim, sugeriu que eu elegesse um ou dois anos da escola. Então, após escolher o 6to (sexto) e 7mo (sétimo) ano, fui seguindo um caminho mais certo. Mas, mesmo assim para finalizar o produto final (um cartaz/mural) com a conclusão da pesquisa foi uma grande correria, pois acabei não conseguindo distribuir muito o bem o tempo. Mas, acabou que tudo correu bem. Além de conhecer pessoas e opiniões incríveis eu, Maria Clara, que no começo de tudo isso não sabia ao certo se me identificava ou não como latino-americana, ao final conseguia compreender melhor o conceito de identidade e os muitos fatores que levaram a criação de uma para essa região conhecida como América Latina. Claro que ainda tenho muito o que descobrir sobre eu mesma, mas essa pesquisa juntamente com as vivências em Córdoba ajudaram a reconhecer que além de viver nesta parte do continente americano, também me vejo como uma latino-americana.

Depois da apresentação do projeto final, no nosso penúltimo dia antes da viagem de volta para Floripa, novamente só tive momentos especiais. Ao longo daquela última semana fui conhecendo melhor *la hermanita* que viveu dois meses aqui e que tinha voltado naquela semana. Ainda lembro que no último dia, fomos juntas ao *Paseo de las Artes* (uma feira de artesanatos que é um dos meus lugares favoritos). Lá encontramos alguns brasileiros que também estavam com *sus hermanas*. Faltavam algumas horas para ir embora daquele lugar que durante dois meses chamei de lar. Mas antes desse momento chegar, tínhamos um último jantar em família. Depois de sair do *Paseo*, caminhamos por ruas e mais ruas até chegar na Pizzaria. Enquanto percorremos esse caminho, fui observando todos aqueles carros e outros transportes, construções, comércios e as

árvores que ficam ao redor de praticamente todas as ruas pela última vez. Pelo menos até o momento em que conseguisse retornar. Foi muito curioso, mas naquele momento percebi que também era possível sentir tranquilidade em meio à agitação urbana e que aquele caos também tinha sua beleza.

O jantar foi maravilhoso e inesquecível. Além de a pizza estar *re rica*, estava ao lado de pessoas que sempre irei amar muito e que me acolheram em sua casa e se tornaram *mi mami*, *papi* e *hermanitas*. Lembro-me que após voltar para casa e no restante daquela última noite e madrugada, passei a noite em claro escrevendo cartas. Creio que foi uma maneira que encontrei de viver cada minuto que restava.

Antes mesmo de o sol aparecer, colocamos minhas coisas dentro do carro e seguimos em direção à rodoviária. Depois disso, só consigo me lembrar de ver as coisas meio embaçadas, pois a única coisa que conseguia fazer era chorar. Após um último abraço em *mi familia*, os outros familiares, amigos e *las compañeras* de aventura que trocaram de cidade, casa e país conosco, embarquei no ônibus. Quando ele já estava indo em direção a saída de Córdoba comecei a chorar mais ainda ao ler uma carta de uma querida amiga. Então, as lindas paisagens e risadas voltaram a nos acompanhar nas largas horas que se seguiram e a nos distrair da saudade que ficava mais forte a cada quilômetro que íamos nos distanciando do lugar que em tão pouco tempo conquistou nosso amor.

Dois meses. “Os dois melhores meses da minha vida”, já nem sei quantas vezes repeti isso, mas com certeza foram centenas. Não os considero um mar de rosas, mas é exatamente por causa desses momentos que não muitos agradáveis que deixaram os meses mais completos e onde tive oportunidade de

aprender com eles. Tenho arrependimentos? Claro que sim. Mas, são eles (juntamente com a saudade e o grande carinho que tenho por aquela cidade) que me motivam ainda mais em voltar à Córdoba.

Iniciei esse relato com a frase sobre a utopia do escritor uruguaio, Eduardo Galeano. Não tem como ler ela, ver tudo que tem acontecido nesses últimos tempos e não se perguntar sobre a memória da população brasileira. Durante o breve tempo que vivi em Córdoba foi possível observar no dia a dia esse trabalho de lembrar e informar os difíceis períodos ditatoriais que a Argentina viveu. Foi possível identificar essa conscientização não só no Juicio de la Perla, mas também na escola ou até mesmo no trajeto para a minha casa, onde tem um muro com desenho e frase que sinalizam que a ditadura deixou vítimas e não foram poucas. Mais de três décadas se passaram desde o fim da ditadura militar do Brasil e nenhum responsável pelas torturas e mortes foi julgado. Somos o país em que partes da população acredita que nunca houve uma ditadura ou também aqueles que desejam a volta dos militares no poder. E recentemente nos deparamos com parte da população elegendo um governo fascista. Segundo Galeano, a utopia “existe” para que possamos seguir em frente e continuar caminhando, mas do que adianta caminhar em direção ao futuro se ignoramos o passado e conseqüentemente vivemos condenados a repetir os mesmos erros. Já não está mais do que na hora de nos direcionarmos ao horizonte, acompanhados de uma memória nossa ao invés de uma imposta?

